

Jahn und Jahn
Rua de São Bernardo 15
1200-823 Lisboa

Jahn und Jahn
Baaderstraße 56 B und C
80469 München

Heidi Bucher Exuviae 25.9.– 9.11.2025

A pele da memória

Heidi Bucher (1926-1993) produziu, ao longo da sua vida, um extenso corpo de trabalho centrado no corpo e na sua relação com a arquitetura, com o espaço vivencial e com a hapticidade a partir de um ponto de vista feminista, crítico e interventivo.

Com um percurso iniciado em 1956, seria a partir da sua estadia em Nova Iorque, no início da década de 1960, e na década seguinte a partir da sua Suíça natal e de Los Angeles, que Heidi Bucher viria a constituir toda uma obra que, num certo sentido, constrói uma antropologia da escultura, para além de uma estética que tanto se dirige à sensibilidade individual, como à partilha que instaura uma noção de coletivo.

Absolutamente integrada nas segundas vanguardas e nos seus tópicos mais ativos – a importância do processo, a fluidez entre a produção de dispositivos, a sua utilização performativa e a consciência política da ideia de comunidade e de diferença –, Heidi Bucher construiu um caminho que se inicia com a construção de habitáculos para o corpo, para um centramento posterior na utilização de látex na moldagem de espaços e de corpos.

O início do seu percurso foi marcado pela criação de casulos, esculturas “moles”, dúcteis, que serviam simultaneamente como abrigos individuais e peças escultóricas vestíveis, por vezes criadas em colaboração com o seu marido, o escultor Carl Bucher.

Existe uma primeira constatação a efetuar nesta transformação da escultura, tradicionalmente estrutural e rígida, num objeto que envelopa o corpo, o protege e metamorfoseia: a de que, para Bucher, o centro do trabalho escultórico não é o objeto, mas a sua habitabilidade, seja pelo artista, seja por um outro agente, produzindo uma arte transitiva, que se dirige e declina para um uso. A segunda constatação é que a ideia de molde, do que antecede a escultura permite (como também, na mesma altura embora por diferentes processos, fazia Bruce Nauman), a progressiva orientação do projeto artístico em direção a uma antropologia do corpo e da própria escultura como memória.

A partir dos primeiros anos da década de 1970, já em Zurique, num atelier que tinha sido, curiosamente, um antigo talho, Heidi Bucher criou um conjunto de trabalhos, esculturas “moles” a que chamou “Einbalsamierungen” (Embalsamamentos), uma complexa taxidermia na qual utilizava têxteis, fragmentos de roupas da sua família – e este aspeto revelar-se-ia de importância vital no futuro – conchas e elementos naturais encontrados, para produzir corpos dúbios metamórficos.

Seria este o caminho que levaria Bucher a realizar, em 1976, os primeiros projetos de utilização de látex para moldar elementos arquitetónicos e, a partir desse processo, construir versões fluidas, quase como panejamentos de látex moldados em espaços arquitetónicos. O primeiro desses projetos consistiu na moldagem da porta do seu estúdio em Zurique, a que chamava “Borg” (Die Türe zum Borg, 1976), simbolicamente o acesso a esse espaço de proteção e recolhimento que era o estúdio.

O mais significativo dos projetos de moldagem de espaços em látex, seria a produção de um molde do espaço (paredes e chão) da sua casa de família, produzido a partir de 1972/3. O primeiro dos espaços escolhidos pela artista nessa casa que marcava a sua origem burguesa, foi o espaço dedicado às tertúlias masculinas, o “Herrenzimmer”, 1978-82, indexando a sua distância face a uma estrutura familiar patriarcal e, nesse campo, mapeando também as relações sociais e de poder que necessitava de desnudar. A descoberta deste processo, que se relaciona com desenvolvimentos no trabalho de outras artistas suas contemporâneas, como

Eva Hesse, Lynda Banglis ou Judy Chicago, foi definindo um longo caminho de criação de espaços simbólicos, mas também sensíveis e esteticamente sofisticados. Esse carácter simbólico pode também ser aferido pela escolha do gabinete de Ludwig Binswanger na clínica nas margens do lago Constance, onde tantas figuras do início de século foram atendidas, desde Sigmund Freud ao historiador alemão Aby Warburg, que aí esteve internado na segunda década do século XX.

A complexa metodologia utilizada por Bucher para a criação destes moldes líquidos assemelhava-se ao retirar de uma pele à estrutura arquitetónica, ao mesmo tempo criada pela artista e retirada, esfolando o espaço. O resultado é uma impressão em negativo do espaço arquitetónico, como mais tarde faria Rachel Whiteread, mas dúctil e suspensa. Nesse processo é produzida uma pele que retém a memória do edifício, e cria, no processo de instalação, uma arquitetura frágil e destinada ao seu colapso. Poder-se-ia mesmo afirmar que a obra de Heidi Bucher se encaminhou para a fibrilação da experiência do espaço, carregando as suas frágeis arquiteturas de látex de uma intensidade que conta as narrativas fantasmáticas dos espaços que serviram de molde. Que a artista tenha vindo a usar estas “peles” de látex para a realização de performances, só vem confirmar a ideia de que o seu centro sempre foi a relação do corpo com o espaço que segrega, procurando encontrar os caminhos entre a experiência individual sensível e a compreensão dos processos históricos de dominação e controlo, nunca metaforizados e sempre aludidos.

Assim, a pele das obras de Heidi Bucher é a forma sensível da recolção da memória que, no processo de esfolamento, se materializa em toda a sua potência simbólica.

Delfim Sardo

Heidi Bucher (Adelheid Hildegard Müller; Winterthur, 1926 – Brunnen, 1993) é uma artista fundamental da neo-vanguarda internacional cuja obra merece ser redescoberta. As transformações materiais, escultóricas e performativas realizadas pela artista suíça tornaram visíveis as relações dinâmicas entre corpos e espaços. Através de um modo de trabalho processual e do uso radical de materiais, Bucher investigou a forma como as existências humanas se encontram inscritas em estruturas de poder sociais e íntimas. Via a pele como uma interface com o mundo, um repositório sensorial da memória – de prazer ou dor, de conforto ou de desconforto – e utilizou o látex como material para ultrapassar a objetificação e abraçar o metafórico. Com as suas “peles de látex”, o interesse de Heidi Bucher deslocou-se para a relação entre a função identitária da arquitetura e o corpo humano – visualmente representada numa fusão entre o orgânico e o estático, o amorfo e o geométrico. O seu legado testemunha a descoberta artística e a emancipação do corpo sensível e sensorial no século XX, posicionando-se, com a sua obra, para além dos papéis tradicionais de género na historiografia internacional da arte contemporânea e encontrando, ao mesmo tempo, formas pioneiras de expressão.

O trabalho de Heidi Bucher (Adelheid Hildegard Müller; Winterthur, 1926 – Brunnen, 1993) integra importantes museus e coleções internacionais, entre os quais se destacam: Museum of Modern Art (MoMA), Nova Iorque; Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque; Solomon R. Guggenheim Museum, Nova Iorque; Hammer Museum, Los Angeles; Centre Georges Pompidou, Paris; Tate Modern, Londres; Kunsthaus Zürich, Zurique; Kunsthaus Zug; Kunstmuseum Luzern; Kunstmuseum Winterthur e Migros Museum für Gegenwartskunst, Zurique; Haus der Kunst München, Munique, entre outros. Exposições individuais (seleção): 2025 Jahn und Jahn, Lisboa; 2024 Mendes Wood DM, Paris; 2024 Jahn und Jahn, Munique; 2024 MCDA Museum Contemporary Art and Design, Manila, Filipinas; 2023 Red Brick Art Museum, Pequim, China; 2023 Lehmann Maupin, Seul; 2023 Art Sonje Center, Seul; 2022 Muzeum Susch, CH; 2022 Mendes Wood DM, Bruxelas; 2022 Kunstmuseum Bern; 2021 Haus der Kunst, Munique; 2020 Mendes Wood DM; 2019 Alma Zevi, Veneza; 2019 The Approach, Londres; 2019 Gallery Lehmann Maupin, Nova Iorque; 2018 Parasol Unit, Londres; 2017 Fundaziun Not Vital Ardez, CH; 2015 Freymond-Guth Fine Arts, Zurique; 2014 Swiss Institute Contemporary, Nova Iorque; 2014 Alexander Gray Associates, Nova Iorque; 2013 Freymond-Guth Fine Arts, Zurique; 2013 Centre Culturel Suisse, Paris; 2013 Freymond-Guth Fine Arts, Art Basel; 2007 Galerie Giti Nourbakhsh, Berlim; 2004 Migros Museum für Gegenwartskunst, Zurique; 1995 Kunsthaus, Barlach Halle K, Hamburgo; 1993 Villa Bleuler, Galerie im Weissen Haus, Winterthur; 1993 Kunstmuseum Thurgau, CH; 1983 Kunstmuseum Winterthur; 1981 Galerie Maeght, Zurique; 1979 Galerie Maeght, Zurique; 1979 Galerie Numaga, Auvier, CH; 1977 Galerie Maeght, Zurique; 1973 Esther Bear Gallery, Santa Barbara, CA; 1972 Los Angeles County Museum of Art, CA; 1971 Museum of Contemporary Crafts, Nova Iorque; 1971 Rothmans Art Gallery of Stratford, Toronto; 1971 Musée d'Art Contemporain, Montreal; 1958 World House Galleries, Nova Iorque; 1956 Galerie Suzanne Feigel, Basel.